

★ A ★
**MAGIA PERDIDA
DE SPARROW XIA**



LEIA HAM

 FARO
EDITORIAL

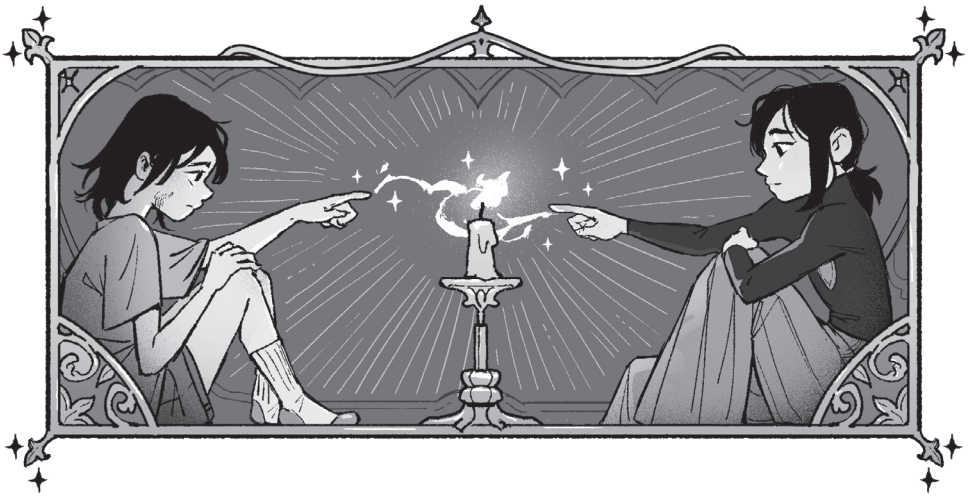


**PARA JOHNNY,
MEU PORTO SEGURO.**



1

CONSENSO UNIVERSAL



Era um consenso universal, quer dizer, *qualquer um* concordaria: magia é melhor que o mundano. Era um fato tão óbvio, tamanha aceitação, que o sermão sobre *A importância da magia* da mãe da garota de doze anos Sparrow Xia entrou por um ouvido e saiu pelo outro junto à lição que seguiu com “Sparrow, será que dá para você estudar esse ano e parar de preocupar a sua mãe?”. Sparrow estava careca de saber disso tudo, ainda assim ouvia a mesma coisa repetidamente desde o começo das aulas. Só queria poder esperar o café da manhã sem a enchêção de saco sobre seu futuro.

Sua mãe parou no meio da bronca e ficou mexendo com o isqueiro — as runas gravadas nele já estavam todas gastas, mal dava para vê-las. Uma engenhoca mágica que, além de estar caindo aos pedaços, também não funcionava mais.

— Essa velharia nunca funciona... — Sua mãe bateu o isqueiro no balcão que, por sua vez, cuspiu algumas fagulhinhas, fracas demais para acender o fogão.

Sparrow se segurou para não dizer para a mãe comprar um novo. A última coisa de que precisava era um sermão sobre como engenhocas hoje em dia estão muito caras e dinheiro não dá em árvore.

— Pode deixar — Sparrow disse, indo até o fogão com um suspiro.

A menina passou uma mão pelo fogão enquanto a outra ligava o gás. Calor dançou através do seu corpo, a esquentando mais ainda em uma cozinha que já estava abafada. O auge do verão se aproximava e a casa delas em Brasalândia do Sul estava um forno.

Umpf. Fogo de um laranja avermelhado se acendeu alegre na boca do fogão. Sparrow sorriu. Ainda que ela acendesse mil vezes com sua magia, a sensação ainda era a mesma. Além do mais, ser uma maga do fogo tinha lá suas vantagens, a melhor delas era poder esquentar a água do banho na temperatura perfeita, quase pelando.

— Viu? Estou praticando — Sparrow disse, serpenteando os dedos e fazendo pequenas fagulhas aparecerem na ponta.



— É bom mesmo, Ruyan — disse a mãe, que só usava o nome chinês de Sparrow quando estava bem irritada. Ela passou com um empurrãozinho em Sparrow, mandando que a menina se afastasse e voltasse a se sentar. Logo o barulho de óleo fritando preencheu a cozinha enquanto a mãe começava a cozinhar.

— Tem que levar isso a sério. Você não tem muito tempo! Sabe que...

— Que eu só tenho uma chance — Sparrow repetiu em um tom monótono, a alegria por conseguir acender o fogão se esvanecendo. — Eu sei, mãe... não precisa ficar me lembrando que minha magia vai sumir. Eu sei. — E como sei. — Mas não é justo!

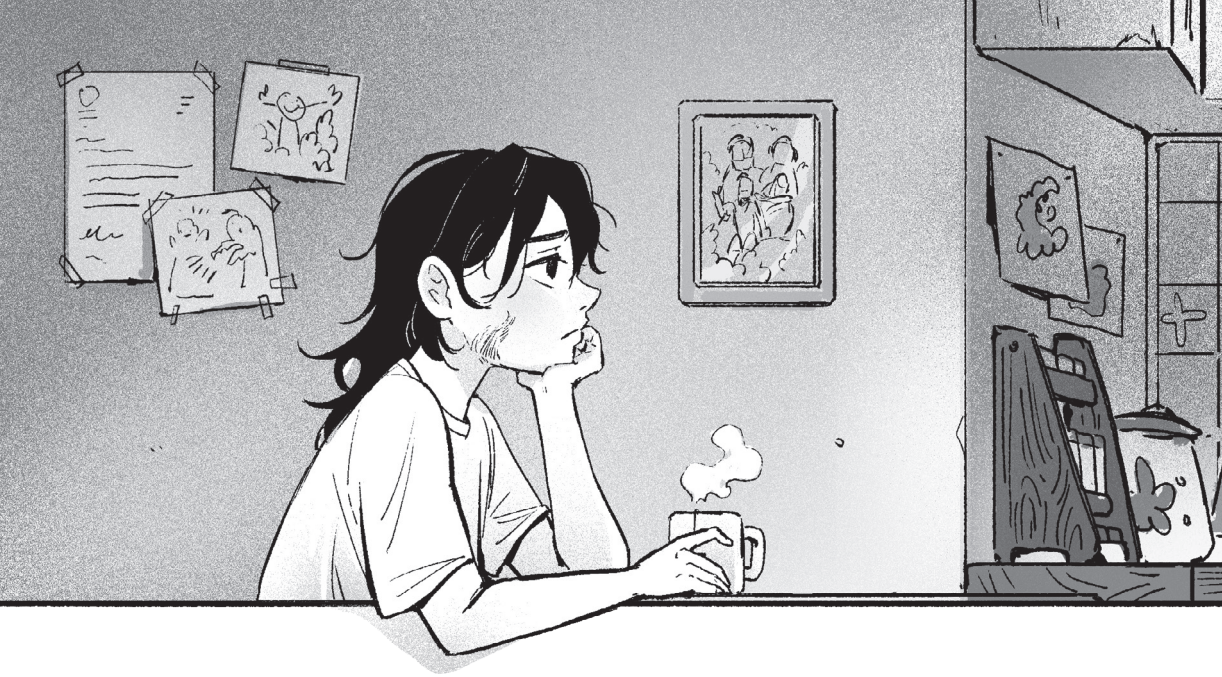
Sparrow se calou, mal-humorada. A ideia de acordar um dia e não conseguir mais criar fogo na ponta dos dedos, ou ter que tomar banhos mornos, parecia horrível. Perder seu fogo seria perder uma parte de si. Será que continuaria a mesma pessoa sem sua magia?

— Não seja boba, Sparrow. É assim que as coisas são. Adultos não têm magia e crianças têm. Todo mundo perde sua magia. — Sua mãe a fulminou com os olhos, então continuou: — Faz parte de crescer. Estude bastante no Colégio Zênite este ano e aproveite sua magia enquanto a tem.

Ela sentiu uma pontada no estômago, um misto de pavor e animação.

O Colégio Zênite para desenvolvimento mágico. Uma das três melhores escolas de magos dos Domínios Unidos, ficava bem a nordeste. A partir de amanhã, Sparrow seria uma aprendiz lá, vivenciando e respirando magia, aprendendo como ficar o mais forte possível enquanto a magia do fogo ainda zunia em seu sangue.





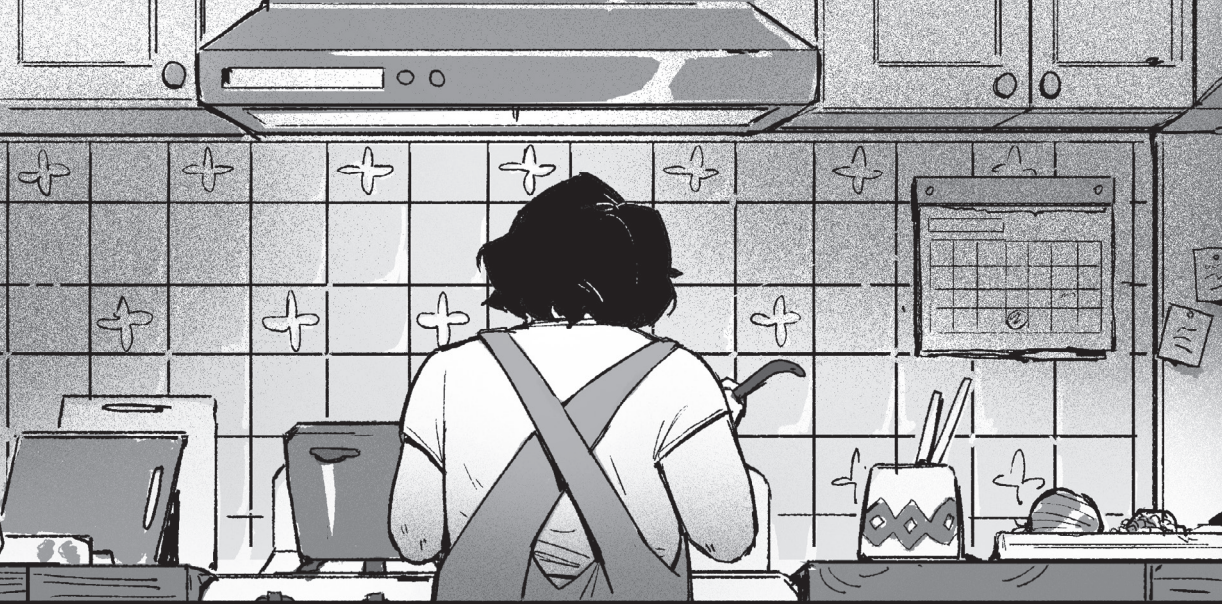
— Só quero que você tenha uma vida melhor que a que eu tive — continuou a mãe. — Não fui bem na escola e agora olha só no que deu. Quer ter uma vida como a minha? Acordar com o raiar do sol todo dia? Se você for bem em Zênite vai conseguir entrar em uma boa guilda. Uma cheia de benefícios!

Não, não quero, Sparrow pensou, cheia de culpa. Ela amava a mãe, e os pães e bolos da padaria da guilda, mas tudo na mãe e na vida que levavam parecia irremediavelmente mundano. Sua *mã* dera seus anos de magia para a guilda dos padeiros e acabou uma adulta sem magia presa em um ciclo banal de assar pão, limpar chãos e, *eca*, lavar pratos. Claro que assar era o trabalho dela, mas Sparrow queria algo... mais.

— Você tem tanto talento, se pudesse ser um pouquinho mais como seu irmão...

— Mã, para vai — Sparrow resmungou.

Um sermão sobre seu futuro nunca acabava antes de ser comparada ao irmão perfeito, Ainsley. Sua mãe a lançou um olhar ressentido como se Sparrow *é* que tivesse dito algo difícil de engolir.



— Vai se arrumar então — sua mãe disse, beliscando a ponta do nariz. —
Precisamos sair assim que terminarmos o café da manhã. Não podemos nos
atrasar para o Luneporto que vai para Zênite.



Sparrow subiu as escadas, ansiosa pela paz do seu quarto. Só de pensar em
viver longe de casa já dava um nó no seu estômago, mesmo sem considerar as
inseguranças em relação a fazer amigos ou passar no projeto final de Zênite,
famoso por ser difícil. Distraída pelas suas preocupações, esqueceu de pular
a tábua que mais rangia do patamar, ficando paralisada.

Tomara que ele não tenha escutado, Sparrow pensou com o fervor de
uma reza.

— E aí, cabeça de minhoca!

Sparrow resmungou. Seu irmão mais velho, Ainsley, apareceu na porta
do quarto, já vestido com o uniforme do Zênite: uma camisa preta de gola
alta, mangas compridas, bordada com o emblema do colégio e calças largas
com pregas feitas de um tecido cinza-azulado claro. Um broche de ouro

brilhava em sua gola — ele foi nomeado adepto este ano, assistente especial de um professor. *Como se ele já não se achasse o suficiente*, pensou Sparrow.

Ainsley já era adorado pela família. O mago de fogo perfeito: forte, confiante, teimoso, com emoções e magia tão explosivas quanto um incêndio de óleo. Para Sparrow, sempre muito cuidadosa, ele era só um valentão insuportável.

— Você viu meu pingente? Espera aí, por que ainda não se trocou? Não quero chegar atrasado por sua culpa. — Ainsley a olhou de cima abaixo em reprovação.

— Era isso que eu ia fazer até você me parar — Sparrow disse, irritada. — E seu pingente está no sofá.

— Por que não pegou já que ia subir?

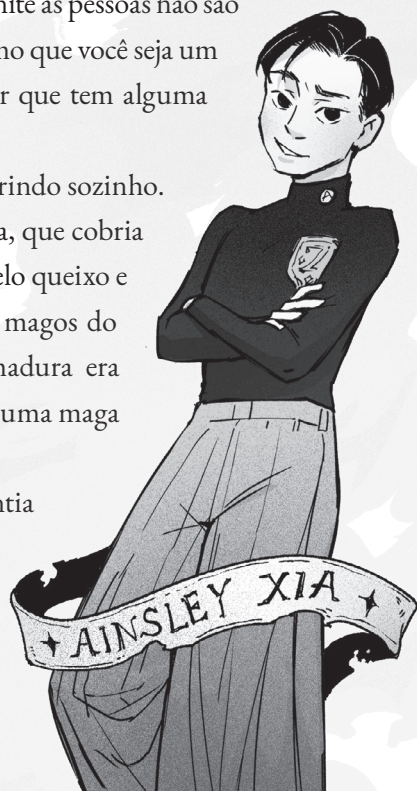
— O pingente é seu, pegue você mesmo! Foi você que falou para eu não encostar nele!

Seu irmão olhou para ela com cara feia, o que significava que Sparrow estava certa e que ele não gostava disso. Após um instante, um sorriso presunçoso voltou ao seu rosto.

— Desse jeito vai ser difícil fazer amigos. Em Zênite as pessoas não são tão pacientes, sabe? Pelo menos tenta ser legal, mesmo que você seja um caso perdido... Só de olhar para sua cara vão saber que tem alguma coisa errada com você.

Ainsley desceu as escadas com passos pesados, rindo sozinho. Ofendida, Sparrow tirou o cabelo de trás da orelha, que cobria a mancha descolorida e irregular que se estendia pelo queixo e pela bochecha. Ela sempre escondia a cicatriz — magos do fogo deveriam ser imunes ao fogo. Uma queimadura era como uma placa na sua testa que dizia: essa aqui é uma maga do fogo com defeito.

Em comparação com Ainsley, Sparrow se sentia aquele isqueiro terrível de cozinha que mal funcionava. Na maioria dos dias, seu fogo



brilhava pouco mais do que a chama de um fósforo, estava mais para o altar ancestral da família do que para as mãos de uma jovem maga. *Pressão psicológica*, disse o curandeiro local. *Falta de força vital* (qi), disse o terapeuta de medicina tradicional chinesa que sua mãe consultou. Seja lá o que for, estava claro que havia algo de errado com ela.

Parecia bobo de se admitir, mas Sparrow queria ser especial. Ela não queria passar os anos mágicos que lhe restavam sendo comparada de maneira desfavorável ao irmão ou que as pessoas fugissem dela como se fosse um monstro só porque sua magia era fraca. Queria ser tratada como Ainsley: admirada, respeitada. Amada.

Quem sabe o Colégio Zênite fosse a resposta para todos os seus problemas. Morar longe de casa era assustador, mas talvez ela pudesse finalmente fazer um ou dois amigos, e nada de sermões diários sobre como ela não estava se esforçando o suficiente. E com certeza teriam todos os tipos de especialistas em como deixar sua magia mais forte.

Esse pensamento a animou quando entrou no quarto e vestiu o uniforme. Ela se inclinou para perto do espelho, ajustou o cabelo para cobrir a pele elástica da bochecha. Se inclinasse um pouco a cabeça, não daria para ver a cicatriz.

As coisas vão ser diferentes depois que eu começar em Zênite, pensou ela com determinação, olhando para o seu reflexo. Ela daria adeus a essa casa mundana e ao seu eu mundano e se tornaria o tipo de maga do fogo que deveria ser.

Uma batida interrompeu seu momento dramático.

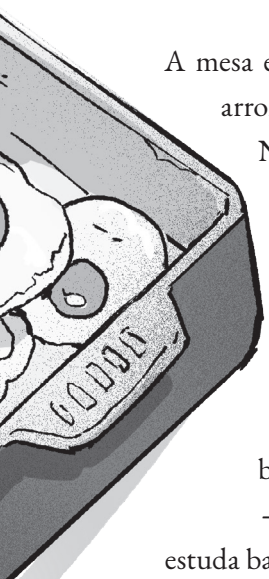
— Ei, cabeça de minhoca, mãe falou que o café da manhã está pronto — Ainsley arrastou as palavras ao gritar pelo corredor. — Para de ficar se olhando no espelho e desce logo.





2

VIAGEM DE LUNEPORTO



A mesa estava cheia de comida apetitosa como arroz, mingau salgado de arroz, ovos e fatias de bacon levemente fritas como acompanhamento.

Nainai, a avó paterna de Sparrow, já estava sentada à cabeceira da mesa, e Sparrow e Ainsley se sentaram sob seu olhar prateado.

Nainai era *bem velhinha*, e o que tinha de velha, tinha de malvada. Nunca se conformou em perder sua magia, e Sparrow a via fazendo gestos com as mãos com frequência, como se tentasse invocar uma magia que não existia mais. Enquanto outras avós faziam ioga ou assavam tortas, Nainai passava o seu tempo lembrando dias melhores e mágicos com um olhar vazio nos olhos.

— Menina — Nainai fixou seus olhos firmes em Sparrow. — Vê se estuda bastante na escola.

— Pode deixar, Nainai.

— Não quer acabar como sua prima Diana — Nainai continuou, sua voz agora um pouco zombeteira.

— Eu gosto da prima Diana! — Sparrow soltou.

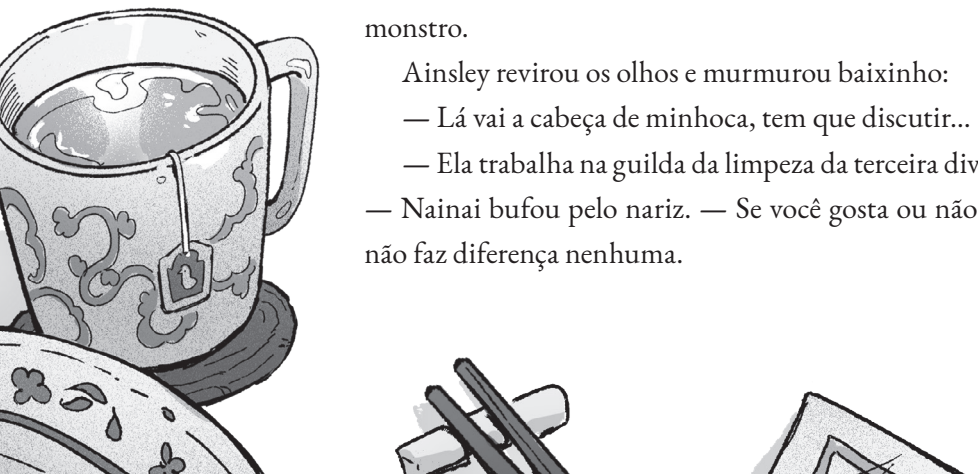
Ela era a única na família que não fazia Sparrow se sentir uma espécie de monstro.



Ainsley revirou os olhos e murmurou baixinho:

— Lá vai a cabeça de minhoca, tem que discutir...

— Ela trabalha na guilda da limpeza da terceira divisão.

— Nainai bufou pelo nariz. — Se você gosta ou não dela não faz diferença nenhuma.





A resposta de Sparrow foi interrompida por sua mãe que colocou uma jarra fumegante de leite de soja na mesa com um *baque*.

— Eu também gosto dela — disse a mãe, franzindo os lábios para Nainai. — Mas é bem verdade que ela não teve muitas escolhas na vida. Vocês dois precisam ter cuidado para não acabarem como ela. Sparrow, não responda à sua avó e coma.

Ainsley, sempre dedicado ao seu papel de bonzinho da família, fingiu concordar com a cabeça e se serviu do café da manhã.

— Mas é claro, mã. Quando me formar, vou entrar para a melhor das guildas da primeira divisão... a Lírio Branco, assim como Mestre Rowan — declarou ele com a boca cheia de bacon.

— Imagine só, meu filho, um Curandeiro! — Mamãe sorriu e deu um tapinha carinhoso na cabeça de Ainsley, então continuou a se movimentar pela cozinha.


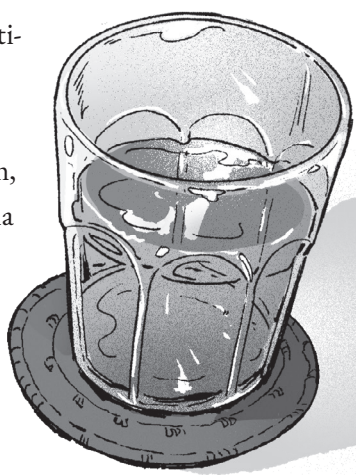
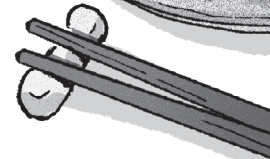
Sparrow revirou os olhos.

— Talvez esse Mestre Rowan possa adotar você. Assim, não teríamos que ouvir você falar nele o tempo todo — ela provocou.

— Você está com inveja.

— Eu? Com inveja de você? Ah, me poupe.

Ainsley abriu um sorrisinho. Ele tirou o pingente da cintura e o balançou na frente do rosto de Sparrow. A pedra vermelha como sangue pendia de um novo tassel de prata que chegou pelo correio na semana anterior, brilhando à luz da manhã. A pedra de identificação do Instituto Zênite era o símbolo de um aprendiz no estágio final, e uma cor profunda era sinal de magia forte. Seu irmão com certeza percebeu os olhares invejosos de Sparrow para o pingente dele durante o verão.



— É claro que está com inveja — ele zombou. — O seu provavelmente vai ser transparente.

— Pare de discutir com seu irmão, Sparrow — disse mã, estalando a língua. — Precisamos ir logo!

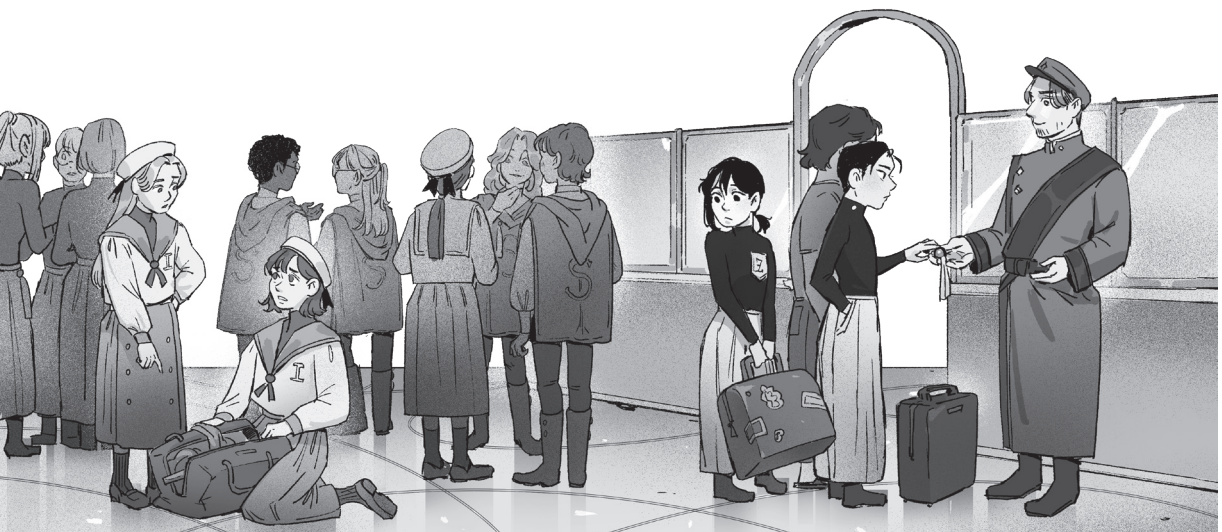
Sparrow conteve sua frustração e voltou para o café da manhã, enchendo sua tigela com comida.

Você vai ver, Ainsley, ela pensou enquanto mastigava com raiva.



Após uma viagem de quarenta minutos repleta de discussões, Sparrow e Ainsley foram levados às pressas para o Luneporto da cidade Brasalândia do Sul, um edifício prateado e reluzente, no momento cheio de aprendizes prontos para viajar pelo portal aos seus colégios de magia. Muitos vestiam as cores de Zênite, mas Sparrow avistou algumas crianças com as roupas brancas e douradas do Instituto Inselberg, bem como o uniforme todo verde da Escola Pináculo.

Passaram por um pobre aprendiz de Inselberg cujas malas tinham se rasgado no zíper e chegaram a um atendente com o uniforme roxo escuro da



Guilda de Transportes. Sparrow entregou o bilhete que chegou com sua carta de aprovação, e Ainsley entregou seu pingente de identificação para ser escaneado.

— O Colégio Zênite fica praticamente do outro lado dos Domínios Unidos — comentou o atendente enquanto pegava as malas maiores e as colocava na esteira rolante, que as levou para longe de vista. — A senhora deve estar com o coração na mão.

— A educação deles vem em primeiro lugar — respondeu a mãe deles com o que Sparrow chamava secretamente de “voz profissional” de mãe.

— É claro. — O atendente devolveu o bilhete carimbado de Sparrow e o pingente de Ainsley. — Sua bagagem será enviada para o Colégio. Vocês dois podem passar por mim para o Luneporto do Colégio Zênite, mas você precisa ficar aqui, senhora. Vou lhe dar um momento para se despedir.

Sparrow se viu esmagada contra o irmão em um abraço sufocante.



Colégio Zênite para D

— Mã, é só mais um ano. Sabe que voltamos quando o inverno acabar — disse Ainsley, ofegante.

O abraço se afrouxou e ela sorriu para os filhos com os olhos marejados.

— Sabe que fico preocupada. Preparei alguns pãezinhos para vocês, caso fiquem com fome. Quero que cuidem um do outro. Ainsley, cuide da sua irmã, está bem? Promete?

— Posso me cuidar sozinha — resmungou Sparrow.

— Xiu, Sparrow, só me escute e escute seus professores. E estude bastante, está bem?

Ela exigiu mais uma dúzia de promessas antes que o atendente limpasse a garganta.

— Desse jeito eles vão se atrasar, senhora — disse ele, se desculpendo e oferecendo um pacote de lencinhos.

Sparrow se virou para acenar uma última vez e deixou-se levar por Ainsley por um corredor ladeado por portões circulares.

— Anda logo, cabeça de minhoca. O que vai para Zênite fica bem no final.

Ainsley não estava brincando. Passaram por quase todos os portões do Luneporto antes de chegarem ao do Colégio Zênite. Era dourado, incrustado com glifos e estrelas cintilantes. Letras cursivas inscritas ao longo do arco diziam:

***Colégio Zênite para Desenvolvimento Mágico
Buscamos o ponto mais alto***

Desenvolvimento Mágico

Sparrow tentou não ficar inquieta. Tanta coisa dependia do seu bom desempenho em Zênite, mas e se ela estragasse tudo?

— Ei, Ainsley? — Sparrow odiou seu tom de voz frágil e inseguro. — Como foi na sua vez? No seu primeiro ano, quer dizer. Foi assustador?

— Um pouco — ele respondeu com um encolher de ombros. — Quer uns conselhos?

Sparrow assentiu, surpresa. Ela não conseguia imaginar o perfeito e composto Ainsley com medo.

— Tem que estar disposta a fazer o que for preciso. Mas quem sabe o que você vai conseguir com esse seu foguinho minúsculo — respondeu Ainsley, sorrindo mais uma vez quando a expressão atenta de Sparrow se transformou em irritação.

— E eu que achei que só para variar você estava sendo legal.

— Ah, para vai, você que é toda sensível...

— Atenção, viajantes com destino ao Colégio Zênite. O portão do Luneporto será aberto em instantes. Por favor, calmamente formem uma fila.

Estava na hora. Uma luz prateada começou a brilhar nas bordas do portão. A superfície, que Sparrow pensava ser de um tecido preto aveludado, mudou como fumaça, iluminando-se em um círculo prateado que lembrava Sparrow de uma lua cheia em uma noite nublada.

O portão do Colégio Zênite estava aberto.

Era agora ou nunca. Depois de anos vivendo com um foguinho fraco dentro de si. Um momento suspenso através de um portal que a levaria para o resto de sua vida.

Ela respirou fundo, com calma. Inspirou e expirou. Sparrow tomou coragem e atravessou o portão, sentindo uma magia fria e desconhecida tomá-la. Era como se estivesse caminhando em uma grande parede de tecido. Entre uma respiração e outra, seus pés deixaram o Luneporto de Brasalândia do Sul e pousaram nas lajotas do Colégio Zênite.